

saga

Apocalypse

PARTE I

ERA UMA VEZ
UMA
PANDEMIA



UMA OBRA DE

GUILHERME BECKER

Antes de ler

O livro que você está prestes a ler tem como único objetivo o entretenimento e o conhecimento. Mesmo sendo uma ficção, não posso negar que muito do que é dito aqui já está acontecendo no mundo ou tem base em informações divulgadas pela própria grande mídia. Todas as teorias que utilizei para compor essa obra são baseadas em estudos escatológicos e ficarei feliz de compartilhar esses dados e estudos com qualquer pessoa que queira abranger sua mente para algo novo.

Não quero de forma alguma influenciar ninguém erroneamente de que as vacinas são meros placebos ou engodos, nem tão pouco incitar discursos de ódio contra nenhum tipo de classe dominante. Muito mais que um exercício mental sobre as estruturas sociais que baseiam nosso modo de vida, é uma obra que fala de família, respeito mútuo, amizade e valores. Contudo, não posso ser alheio ao que está acontecendo no mundo e as

mentiras que são ostensivamente divulgadas na intenção de espalhar pânico e medo.

Por mais que você não queira pensar sobre isso, o fim dos tempos está sobre nós. Se a humanidade fosse medida por um dia de relógio, sendo sua aurora no primeiro homem e mulher que pisou na terra, estamos certamente a dois minutos da meia-noite. Basta, as ferramentas certas e um olhar mais atento aos mínimos detalhes e você verá toda a verdade. Por sorte, as ferramentas eu disponibilizo aqui, o restante deixo com você. Não pense que descobrir tudo que eu sei hoje foi fácil, mas se eu tivesse que escolher entre saber e não saber, teria escolhido todas as vezes por saber. Inquietante e dolorosa, a verdade me mudou de tal forma que não pude mais me abster do compromisso de ajudar outras pessoas a conhecê-la.

Atenciosamente,

Guilherme Becker

Capítulo 1

A doença que engoliu o mundo

Eu nasci em 2019, numa cidade já extinta chamada Diadema. Na época do meu nascimento as nações do mundo viviam, de certa forma, desfrutando de paz, sem grandes guerras ou fomes extremas. As pessoas podiam ir e vir por todos os lugares do mundo, claro, se tivessem dinheiro para isso. Andavam de país para país em um meio de transporte chamado avião, uma máquina que só vemos pela televisão ou em um museu, hoje em dia.

Os avanços tecnológicos estavam no seu auge, impressionando a todos por sua comodidade e conforto. Celulares, televisão, carros, computadores, todos os dias aquela civilização era presenteada com algo novo. Um produto moderno substituía o seu antecessor numa velocidade impressionante. Existiam coisas que hoje só seriam possíveis imaginar, como as escolas públicas, agora extintas. Hoje as pessoas não se reúnem mais em salas para ouvir um palestrante passar conhecimento horas a fio.

Tudo que temos são os conteúdos direcionados pelo governo, transmitidos vinte e quatro horas por dia pela televisão, a fim de nos preparar para as funções que iremos exercer ao longo da vida. Somos doutrinados desde de criança à importância de ser apenas uma engrenagem pequena nessa grande máquina de moer carne, chamada de São Paulo.

Outro pouco de conhecimento é extraído dos e-books, que ensinam métodos que podemos aplicar no cotidiano, como construção civil, segurança privada e agricultura. Os livros convencionais feitos de papel foram extintos pois seu custo é considerado altíssimo para o planeta. Nada que possa ser taxado de superficial e reconfortante é permitido. As confraternizações não são mais incentivadas. Os muito ricos, são os únicos que tem direito a educação em escolas.

Contam os anciões, que antigamente as pessoas se reuniam e festejavam quando bem entendessem. Comemoravam casamentos, passagens de ano e aniversários. Sempre regado a muita comida e bebida, algo impossível de se pensar na atualidade. Até os mais pobres podiam comer carne, hoje uma prática que apenas os bilionários desfrutam.

A água era um recurso abundante se pensar que hoje um copo vale mais que um mês de aluguel. Quando a

Coca-Cola comprou todas as reservas de água do Brasil, depois da terceira guerra mundial, não imaginava o lucro altíssimo que teria no futuro. As pessoas do velho mundo eram abençoadas por poder tomar banho todos os dias. Bastava ter os encanamentos necessários e filiação a uma tal de Sabesp.

Claramente eles tinham muito mais do que precisavam, e desperdiçavam muito mais do que poderiam. Alguns estudiosos, especialistas na geração que se perdeu, dizem que essa falta de respeito aos recursos do planeta foram uma das causas do colapso daquele modo de vida. Os poucos que restaram daquela civilização, falam amargurados da boa vida que tinham na opulência. Sempre cheios de murmúrios por tudo aquilo que nunca mais poderão ter.

Coincidentemente com o ano do meu nascimento algo surgiu no mundo que viria depois a acabar com ele, a covid 19. Essa doença se espalhou com

rapidez pelo globo, causando uma pandemia global nunca antes vista. Os isolamentos sociais que temos hoje começaram nessa época, quando o mundo parou para diminuir a contaminação que atingia níveis alarmantes. Após dois anos de doença o mundo tinha provado apenas um por cento do horror que aconteceria nos anos seguintes.

No ano de 2021 a população se maravilhou com a chegada em massa da vacina imunizante, que fez todos ficarem esperançosos com o futuro, já que as taxas de mortalidade da época começaram a cair conforme o avanço da vacinação nos países aumentava. O Brasil conseguiu números bem positivos frente à doença nesse período.

Aos poucos o mundo começou a voltar ao seu normal sem imaginar o terrível destino que estava por acontecer. Voltaram então, as confraternizações, os comércios, as igrejas e tudo parecia ter sido encaixado no

seu devido lugar. Foram anos de tranquilidade e conforto, enquanto o mundo pensava ter superado a doença e jocoso de sua vitória, repousou em felicidade e paz.

Porém, no ano de 2027, como um ladrão na noite, o planeta foi tomado pela mutação mais forte do vírus covid 19. A variante que acabaria por dizimar noventa por cento da população mundial, nos anos seguintes. Foi chamada de variante vermelha, pois causava manchas avermelhadas na pele das pessoas que às contraíram.

Começou no Sul da Turquia e se espalhou pelo mundo em menos de seis meses. Ela matava dez vezes mais que a covid 19. E para ela, nossos cientistas e pesquisadores não acharam a cura nem tão pouco imunizantes. O mundo parou novamente e todos ficaram em isolamento total, mas não parou como da primeira vez.

O isolamento agora era absoluto. Sair na rua era sinônimo de morte. Muitos que se arriscaram, perderam suas vidas. Os moradores de rua foram dizimados primeiro até que não restasse nenhum. Nos hospitais, os médicos morriam aos milhares, depois aos milhões, até que não sobraram médicos com coragem suficiente para trabalhar. Aos poucos os hospitais foram fechando e com eles o medo se espalhava mais rapidamente, pois a única assistência que as pessoas tinham, acabou. Não havia mais empregos, o governo fornecia uma ajuda de custo para a população ficar em casa, mas isso não impediu a fome de começar a matar os mais debilitados. Tornando assim a vida nas grandes cidades insuportável, causando muitas tragédias que são contadas pelos sobreviventes daquele período.

No primeiro ano, estima-se que morreram um bilhão e trezentos milhões de pessoas ao redor do mundo pela variante vermelha e mais setecentos milhões pela

fome. As zonas rurais eram menos afetadas pois as pessoas podiam plantar para sobreviver com muita cooperação entre si, mas nas grandes cidades a falta no abastecimento de comida começou a deixar os mercados sem produtos e com seu fechamento começaram os grandes assaltos em busca de alimentos.

Muitas pessoas, tomadas pela fome extrema e a preocupação em alimentar seus filhos começaram a invadir e destruir todos os comércios que vendiam comida. Alguns desses comércios já esvaziados e sem nenhum produto que pudesse ser saqueado, eram depredados até não sobrar tijolo por cima de tijolo. Não só os grandes mercados foram alvo de pilhagem, como também, pequenos bares, padarias, açougues e lanchonetes foram reviradas à exaustão em busca de uma lata de milho ou um saco qualquer contendo farinha ou algo do tipo.

A dignidade do ser humano tinha acabado. Conforme a fome crescia, os saqueadores começaram a invadir as casas também e com isso os crimes mais brutais que se possa imaginar, ficaram cada vez mais corriqueiros. Os estupros de mulheres e crianças se tornaram comuns.

Nesse período, as mulheres foram as mais afetadas psicologicamente. Pois além de verem seus filhos morrerem de fome e pela doença, agora, tinham suas casas invadidas por homens que destruíam seus móveis em busca de comida e tinham suas roupas rasgadas a fim de serem violentadas diversas vezes por quarenta à cinquenta homens numa mesma noite. Até que não pudessem mais aguentar e morriam de ferimentos causados pelas múltiplas penetrações.

O canibalismo se tornou frequente. Até mesmo os que não saqueavam as casas, viam no canibalismo a única forma de sobrevivência. Com o fim dos cachorros e gatos

que àquela altura tinham virado refeições, comer os muitos cadáveres empilhados nas ruas virou comum. Não era raro ver pessoas saírem correndo de suas casas depredadas em plena luz do dia, munidos de facas e tesouras nas mãos, e tirar um pedaço de carne dos corpos que muitas vezes já estavam podres.

Ao passo que a violência e as mortes aumentaram, as famílias começaram a cobrir suas janelas, reforçar seus muros, municiar suas portas com pedaços de vidro e formas pontiagudas de qualquer metal que pudesse ser encontrado para evitar o fim devastador que muitas mulheres tiveram. Qualquer coisa servia para cobrir os buracos por onde os invasores pudessem entrar.

Com esse isolamento definitivo, os integrantes mais velhos das famílias começaram a se matar para dar de comer aos mais jovens, na esperança de dar um tempo de sobrevivência maior aos seus tão amados familiares com esse sacrifício. Até por esse motivo que aquela antiga

geração foi desaparecendo em números assombrosos e hoje pouco se restou da geração de mil novecentos e noventa. A seleção natural que aqueles acontecimentos provocaram não permitia que os fracos, mulheres, crianças e idosos conseguissem se defender, fazendo assim com que somente os mais novos e mais fortes tivessem maiores chances de escapar do genocídio.

Para evitar a extinção da raça humana, os políticos restantes, começaram a implantar as leis marciais que são impostas até hoje. Os exércitos que sobraram foram para rua, com a intenção de neutralizar toda violência que tinha sido perpetrada. Ficaram conhecidos como a polícia da paz. Pois seus esforços de saírem as ruas tentando reestabelecer a ordem ficaram bem vistos por muitos, uma vez que a doença os afetava drasticamente. Basicamente eram homens e mulheres que andavam paramentados com máscaras e roupas

especiais que são usadas hoje em dia para a circulação de pessoas.

Alguns desses soldados tinham aparência debilitada, a fome tinha deixado seus corpos extremamente magros. Havia algumas crianças nesse exército libertador, órfãos desse caos lastimável, decidiram se juntar a causa por falta de opção. Todos trajados de preto, sempre em formação de ataque, uns ao lado dos outros para parecer que eram em demasiada quantidade na esperança de intimidar os saqueadores, invadiam os covis de molestadores para acabar com a ameaça frequente que aqueles grupos profanavam sobre os mais desamparados. Batalhas intensas começaram. As ruas viraram zonas de guerra. O povo que já vinha sofrendo com tantas calamidades, agora tinha medo das balas perdidas, troca de reféns e marcações de território. Muitas pessoas morreram. Os saqueadores, aos poucos, foram massacrados pela polícia da paz, que dizimou

todos os conflitantes com a desculpa moral de tornar a sociedade segura de novo.

O dinheiro já não valia mais nada, pois não tinha mais o que ser comprado com ele. A crise financeira global tinha derrubado até as maiores empresas. As fábricas, mais automatizadas, que não precisavam tanto de mão de obra humana que ainda estavam em funcionamento, pararam por completo.

Todas as pessoas que tinham um pedaço de terra no quintal começaram a plantar para comer enquanto a doença matava mais e mais. Essa cultura de plantações dentro de casa se tornou uma luz de esperança para a população arrasada. Sementes de todos os tipos foram doadas. Os maiores sucessos entre essas pequenas hortas eram batata, feijão, mandioca, café e milho. Quase tudo que se extraía era comida e o pouco que sobrava virava moeda de troca com outros pequenos produtores, para obter uma maior variedade na mesa.

Meus pais fizeram muito isso. Quando os grandes assaltos começaram, e com medo dos estupros nas grandes cidades, fugiram em 2029 no intuito de se esconder no interior, em um sítio de parentes bem afastado de qualquer povoado. Não me recordo muito desse período pois era muito pequeno. Me lembro bem do calor intenso que fazia naquela roça. Quase nunca chovia e a única diversão que tinha era um balanço atrás da humilde casa dos meus tios, onde eu e meus primos passávamos as manhãs se empurrando. Feita de madeira e suspensa por uma base de concreto.

A casa do sítio tinha quatro cômodos divididos por paredes assimétricas. O banheiro, porém, era do lado de fora, feito de alvenaria, porém inacabada, sem nenhum tipo de reboco, com seus tijolos vermelhos expostos. Na parte externa, havia um curral improvisado com madeira arame e telhas quebradas, para abrigar galinhas, que pouco tempo depois foi abandonado pela falta de

animais vivos que pudessem usar o improvisado poleiro como lar. Meus pais acharam por bem que eu fosse ensinado desde de criança a plantar e a caçar, para chegar a vida adulta preparado para qualquer adversidade e também para que eu não morresse de fome por imperícia.

Enquanto o mundo caminhava para seu fim. Estados Unidos e China travaram uma guerra por alimentos, começava a terceira guerra mundial. As ameaças de bombas atômicas, mesmo em meio a toda miséria e tragédia, ficaram mais frequentes. Quanto mais os alimentos faltavam, mais a tensão entre as duas nações aumentava. No dia vinte e sete de janeiro de 2030, às nove da manhã, os jornais, que àquela altura eram apresentados via home office, noticiaram um ataque nuclear iminente. Os Estados Unidos da América mandaram dezesseis ogivas nucleares para bombardear a China, Índia e Rússia. Foi um massacre radioativo. Aos poucos o céu se escureceu em boa parte do oceano

pacífico. Nuvens densas e escuras dominaram o azul do céu. As temperaturas despencaram, contrariando as expectativas de que o clima aumentaria se o inferno atômico fosse mesmo liberado. De um dia para o outro, as plantações queimaram pelas fortes geadas. Agravando ainda mais a fome no restante do mundo.

Um amigo do meu pai, que era engenheiro agrônomo, conseguiu manter viva uma comunidade inteira de pessoas. Cultivando batatas dentro das casas, para não serem queimadas pelo frio intenso. Minha infância toda só conheci o sabor da batata. Era a única coisa que tínhamos para se alimentar.

Capítulo 2

A cidade Branca

Quando o mundo chega a 2038 mais de oitenta por cento da população mundial já tinha morrido devido a fome, ou pela doença. Já não havia mais eletricidade nas pequenas cidades. E as taxas de suicídio eram as mais altas já vistas. Perdemos parentes, familiares e amigos. Muitas cidades menores perderam quase todos os seus habitantes mais velhos e com os saqueadores agindo muito mais em zonas rurais, causaram uma migração em massa para centros urbanos em busca de trabalho e comida. Trabalhos esses que só eram possíveis com roupas de vedação de alta eficiência desenvolvidas nos laboratórios do Butantan.